

O mundo fabril — esse desconhecido

JOÃO MARTINS PEREIRA

Fátima Patriarca
(Taylor no Purgatório) —
O trabalho Operário na Meta-
lomecânica Pesada

Gabinete de Investigações Sociais/
Instituto de Ciências Sociais, Lisboa
1982

Se a fábrica não fosse apenas o inferno que imaginam os nostálgicos da ruralidade, os românticos ou simplesmente os que só a conhecem das dramáticas gravuras do século XIX? E se a fábrica não fosse apenas o lugar de exploração desenfreada, de produção de mais-valia, do confronto directo entre proletários e capitalistas, como a imagem os revolucionários simplistas, os marxistas apressados? E se a fábrica não fosse apenas uma «unidade produtiva», combinação singular de factores de produção, capital e trabalho, a realização concreta de um abstracto ponto numa «curva de possibilidades de produção», como a imaginam os economistas teóricos? E se a fábrica não fosse apenas um conjunto organizado de máquinas e equipamentos, calculados e especificados de forma a fabricar uma certa quantidade de um «produto» por meio de uma dada «tecnologia», como a imaginam os engenheiros e os técnicos/tecnocratas que tudo traduzem em termos de rendimento, eficácia, produtividade?

E se a fábrica fosse um pouco (ou muito) de tudo isto, ao mesmo tempo, e mais alguma coisa?

O corrimão quente

Em princípio dos anos 60, então jovem engenheiro já com alguns anos de fábrica, ia-me dando conta de que muitas interrogações que ela me suscitava não tinham resposta «técnica». A maioria dos problemas que diariamente tinha de enfrentar e, de algum modo, tentar «resolver», não dizia respeito ao processo produtivo em si. O que a escola me ensinava, e eu diligentemente aprendera, ter-me-ia talvez sido suficiente se os operários fossem uma espécie de autómatos, meros «operadores» que, durante as 8 horas de turno, deixassem à porta da fábrica a sua «personalidade», as suas emoções, sentimentos, «conhecimentos do mundo», «condição social», problemas familiares, de habitação, de saúde, enfim, se finalmente não se distinguissem das máquinas. E quem diz os operários, com quem mais directamente contactava, diz todo o conjunto de indivíduos, técnicos e administrativos, que constitui a empresa (e mais especificamente a fábrica, sua expressão produtiva) em «organização», em «sistema de relações sociais».

Milhares de pessoas, com os mais variados temperamentos, proveniências e formações, são obrigadas a conviver, a defrontarem-se entre si e com as suas próprias funções, pelas quais se interessam muito, pouco, ou nada, a «cooperar» com grupos que «outros» constituíram e segundo regras que «outros» estabeleceram: a produção resulta tanto desses encontros desencontros como da excelência dos equipamentos fabris ou da competência técnica de cada um. Talvez tenha sido no dia em que um condutor de ponte rolante me fez subir à sua cabina e eu tive de lá chegar sem pôr as mãos no corrimão, tal era a temperatura — o que me valeu uma pequena «batalha» para lá montar uma ventoinha, cujo efeito pouco mais era que psicológico — que eu em definitivo me senti «desarmado». Ou talvez tenha sido quando, por não me ter feito sócio do recém-criado «clube desportivo e cultural» da empresa, vi entrar-me pelo gabinete um director vindo de Lisboa para me tentar convencer de que os «engenheiros chefes de serviço» tinham de pertencer ao clube...

Sociólogos de gabinete

Enfim, o facto é que senti a necessidade de adquirir instrumentos não-



«Embora fortemente reivindicativos e conscientes da «exploração» a que estão submetidos, há operários que gostam do seu trabalho»

técnicos que me ajudassem a «situar-me». Voltei-me, sem muito bem saber do que se tratava, para a «sociedade industrial». Andei por Paris, ouvi alguns dos mais encartados especialistas, e aprendi muito. Chocou-me a sobranceira e a suficiência com que «sociólogos de gabinete» dissertaram sobre o complexo mundo fabril. As suas teorias eram quase sempre baseadas em meia dúzia de «textos fundamentais» (livros, artigos) na generalidade provenientes dos Estados Unidos. Os métodos estatísticos da moderna «sociologia quantitativa», também com a mesma origem, obviamente fascinavam-nos — pese embora os mil malabarismos que permitiam e de que davam abundantes exemplos...

Alguns deles tinham posto os pés em fábricas, feito inquérito directo, donde lhes vinha uma certa aureola, mas, a meu ver, construíam a partir daí ousadas «teorias gerais» que se me afiguravam razoavelmente frágeis. Aliás, a «produção em cadeia», típica da indústria automóvel e de poucas mais, era o seu objecto preferido: talvez por ser a de mais fácil apreensão por quem conhece mal as profissões industriais e a que mais excita imaginações imprevistas. De resto, confesso que sentia uma enorme dificuldade em «ver» aqueles professores uns pedantes, outros insuportavelmente paternalistas, a «comunicar» com um operário, a perceber o que verdadeiramente se passa numa oficina.

Poderá surpreender, ou parecer até contraditório, que tenha afinal sido a leitura atenta de Marx a que mais me ajudou. Dai me veio a compreensão da necessidade do progresso técnico e da organização do trabalho (ainda Taylor vinha tão longe), da lógica dos comportamentos empresariais, das relações conflituais da força/poder entre grupos sociais, da «natureza» do trabalho industrial, etc.

É que não se pode compreender «a fábrica» sem compreender o sistema social em que ela se insere. Mas, em contrapartida, há muito do que se passa numa fábrica, ou numa indústria, a que se não chega só por via da sua inserção na lógica global de um sistema social e económico.

Ainda que a «sociologia» me tenha então desiludido, eu pressenti que ela podia ser fecunda sempre que o

sociólogo se decidisse a penetrar com coragem no terreno difícil, mais fascinante, do complexo simultaneamente técnico e social que é uma empresa industrial.

Uma história exemplar

Em Portugal, têm abundado mais os trabalhos sobre «história da classe operária» do que os de «sociologia industrial». Passados os tempos em que a simples palavra «sociologia» era tabu, ao que se diz porque a Salazar tal palavra «cheirava a socialismo», muitos foram os que, pelas mais diversas vias, vieram a adquirir uma formação sociológica — parte deles no estrangeiro. No entanto, seja por respeitável vocação seja por insegurança («temor do risco»), uma boa parte deles tem mantido predominantemente a sociologia como uma «disciplina de gabinete», ou de «elaboração mental», evitando o contacto com os «actores sociais» nos variados palcos em que desempenham os seus papéis.

A excepção mais notável encontra-se porventura num pequeno núcleo de sociologia industrial, constituído por investigadores do Gabinete de Investigações Sociais que, após terem «feito a mão» com a análise dos «factos imediatos» que lhes surgiram com a intensa movimentação operária do pós-25 de Abril, começam a produzir valioso trabalho.

Já a comunicação de Marinus Pires de Lima ao seminário sobre o Movimento Operário em Portugal, em Maio de 81, nos dava um ante-gosto do esforço em curso. Mas o recente estudo de Fátima Patriarca sobre a evolução do trabalho na metalomecânica pesada, com o título «Taylor no Purgatório», é, sem sombra de dúvida, o ponto culminante, até ao momento, do trabalho realizado por esse núcleo, e um exemplo encorajante do que devia (poderia) ser a sociologia industrial (designação que talvez recusem, por demasiado limitativa ou «desfocal» face à linha teórica de que parecem reclamar-se).

Se a autora fosse um dos penosos sociólogos franceses que eu conheci em tempos, quantas teorias, quantas teses, quantas comunicações e Congressos, talvez quantos livros, não teriam origem nestas densíssimas 100 páginas! E, no entanto, talvez por compreender como se ajusta mal o quadro teórico «tourainiano» a in-

dústrias (e processos de trabalho) diferentes dos que lhe serviram de base, ela evita as teorizações apressadas. «Limita-se» assim a levantar problemas, e contar-nos uma história (quantas histórias?) exemplar.

Homens, ratos e moléculas

Os personagens são anónimos, diluídos no sujeito sociológico: os grupos profissionais. Mesmo as suas emoções, que aqui ou ali vêm à superfície, são «pluralizadas», ainda quando reveladas por um incógnito protagonista, em entrevista friamente numerada. As frases são despojadas, rigorosas. Os movimentos e os gestos são minuciosamente descritos, como se acompanhássemos o operário nos seus vaivéns, ou por cima do ombro lhe observássemos a destreza das mãos (cheguei a lembrar-me daquele texto de um dos meus primeiros livros de leitura: «Aranca o estatuário uma pedra dura, bruta, tosca, informe...»). A «história» — o enquadramento temporal — dos factos, processando-se, como constantemente se subentende, através de conflitos, dúvidas, ambiguidades, tensões, ajustamentos, dramas — como a de qualquer comunidade exposta às intempéries do «progresso» —, é-nos dada na evidência dos fenómenos significativos e nos seus efeitos (oficina por oficina, profissão por profissão), é-nos balizada por datas de que os actores se não davam conta, mas que ao investigador se oferecem como limites indiscutíveis de «fases de evolução» com características distintas. O que poderia ser uma novela apaixonante, ou um não menos apaixonante exercício de «literatura antropológica» (lembrem-se de *Os Filhos de Sanchez?*), torna-se num apaixonante «estudo sociológico». É uma verdadeira raridade que reabilita a sociologia, aos olhos de muitos cépticos, de tanta preguiça mental e presunção com que tanto pretendo «sociológico» a tem desfigurado.

E, no entanto, a mesma razão pela qual a sociologia não poderá ser nunca uma ciência «exacta», é a que poderá torná-la um precioso ensinamento de «conhecimento»: o facto de ser humano o seu objecto de investigação, como o é também o próprio investigador. Tal afinidade será ao

mesmo tempo o seu estigma e a sua vontade. Julgo que Fátima Patriarca, mantendo-se no plano de uma exigente «atitude científica», conseguiu transmitir-nos a especificidade do seu objecto: as simples natureza e forma do texto que nos dá não seriam transponíveis para a descrição de uma investigação sobre ratos ou moléculas. São coisas que até um sociólogo de pendor estruturalista deveria humildemente reconhecer.

Exploração e prazer

Vejamos, a título ilustrativo, algumas das questões que este estudo coloca.

É corrente, entre os intelectuais, em particular de esquerda, e muito em particular os de formação marxista, associar a ideia de «exploração» com a de «trabalho insuportável», admitir que o trabalho na indústria é necessariamente uma espécie de condenação, uma «violência» não apenas física. A leitura deste estudo mostra-nos que assim não é. São numerosos os exemplos citados, e outros tantos os subentendidos, que nos revelam situações de «prazer» e de «orgulho» profissional. Chega a referir-se a importância que o soldador atribui à «perfeição» e à «beleza» da soldadura. É patente o modo como o torneiro ou o frezador se «afeioam» à máquina, a «completam», lhe desvendam os segredos, ou como o caldeireiro/montador «pensa a montagem» ao ponto de «às vezes nem dormir a pensar na montagem que tem em mãos» (pág. 491): isto são sinais de um saber que custou anos de observação e experiência e que, sendo obviamente poder, é igualmente prazer. É claro que nem a todas as profissões analisadas isto é aplicável, mas bastarão algumas para nos dizer que, embora fortemente reivindicativos e conscientes da «exploração» a que estão submetidos, há operários que gostam do seu trabalho, tanto mais, naturalmente, quanto mais ele exige alta qualificação e lhes permite uma boa margem de autonomia e iniciativa própria — e não apenas porque isso significa, em regra, um salário mais alto.

Progresso técnico e poder

Aliás isto tem algo que ver com um segundo aspecto, que corresponde a uma segunda «ideia feita»: é de que o operário tendencialmente teme o progresso técnico, que pode ameaçar-lhe o emprego e a qualificação. O estudo de F. Patriarca dá um contributo para esclarecer (se assim se pode dizer) esta questão. Citemos: *Convertidos à ideia de progresso, admiradores e partidários da máquina, de que são utilizadores, mas também produtores, estes operários [os desta indústria — IMP] formam, na sua maioria, uma elite, de mentalidade técnica. Diminuição do esforço físico e de fadiga, maior precisão ou perfeição, maior rendimento — eis os argumentos que jovens e velhos operários invocam em sua defesa. Podem criticar o regime de propriedade e o sistema do poder que nele se baseia. Podem ter consciência de ser explorados. Podem ainda achar que nem sempre são os principais beneficiários das inovações introduzidas, em termos de salários ou de regalias. Mas também não é raro ouvir críticas à fraca mecanização da empresa numa dada fase ou, inversamente, ouvir elogios aos padrões que souberam ser modernos e colocar a fábrica na vanguarda do progresso técnico (Pp. 514/515).*

O que é tanto mais de assinalar quanto, se em termos de emprego é óbvio que — no caso estudado — o avanço tecnológico não trouxe efeitos negativos (foi um período de crise de encomendas a causa directa de numerosos despedimentos), já o

(Continua na pag. 11)

O mundo fabril

(Continuado da pág. 5)

mesmo se não pode dizer quanto aos efeitos sobre a natureza das «profissões» e «qualificações». Assistimos à decomposição de certas profissões (caldeireiro, soldador), ao desaparecimento de outras (cavador), ao surgimento de outras ainda (preparadores de trabalho), à transformação de algumas mais (p. ex. *ao torneiro clássico tende a suceder um misto de operador-programador* — p. 513), nuns casos verificando-se uma incontestável desqualificação, noutros, pelo contrário, uma «requalificação».

Mas mesmo quando há desqualificação, ela pode não ser «pessoal»: os novos postos de operador de máquinas resultantes do desmembramento da profissão de caldeireiro tornam-se refúgio para os menos qualificados, permitindo que «o acesso a essa especialização seja por estes sentido como uma forma de valorização e promoção» (p. 482). Isto é, não é, em regra, o velho profissional caldeireiro que se vê pessoalmente «despromovido» para uma actividade menos qualificada — ele vai tornar-se caldeireiro-montador, enquanto a nova actividade de caldeireiro-operador de máquinas irá ser um «ponto de chegada» (cito) para novos operários menos qualificados.

Mas nada disto significa que os processos de evolução tecnológica tenham sido (ou possam ser) de algum modo «lineares», e que a eles os operários genericamente tenham aderido (ou possam aderir) sem obstáculos. É que à sua introdução corresponde um esforço continuado (ainda que com altos e baixos) de racionalização e organização do trabalho. Partidários, globalmente, do progresso técnico, eles são naturalmente muito mais resistentes às consequências que dele possam decorrer em termos de perda de autonomia e de ameaça ao seu saber/poder.

Disto nos são dados também numerosos — e luminosos — exemplos, em que suspeitamos de dramas, conflitos, lutas sem conta. O caso citado de resistência à introdução das fichas de preparação do trabalho é paradigmática: *Seguindo rigorosa e escrupulosamente as indicações das fichas do trabalho, é com o mesmo rigor e escrupulo que recusam tomar qualquer iniciativa perante anomalias que a ficha não prevê. Se ao fazer uma maquinação, a peça vibra ou a velocidade introduzida na máquina não serve, o operário pára, chama o chefe de grupo, informa-o do problema surgido e pede instruções. As consequências são evidentes: inevitável baixa de rendimento, perturbações graves na marcha da produção, para já não falar da «electricidade» que paira no ambiente das oficinas».* (P. 501). Trata-se, obviamente, de uma verdadeira afirmação de «poder» perante os «homens de gabinete», que se julgam capazes de prescindir do «saber de experiência feito»... E, ainda assim, é irresistível a atracção que os gabinetes exercem sobre os operários, para quem o ideal é passar para o edifício, passar da ferrugem para a preparação (p. 485). Ambiguidade que parecerá estranha e até contraditória com o «gosto da profissão», se não tivéssemos presente que o objecto do estudo são justamente homens — e não ratos ou moléculas.

O económico e o social

Não é possível aqui dar conta da riqueza deste trabalho, até mesmo nas suas informações de algum

modo marginais, como sejam, por exemplo, ficarmos a saber da existência, não há muitos anos, de profissões industriais «itinerantes» (os cravadores), ou assistirmos a uma breve descrição quase literária dos rituais de iniciação dos aprendizes (iniciação profissional e social, como bem é salientado).

Mas para que não se julgue que consideramos o estudo de F. Patriarca isento de qualquer crítica, aí vai uma, relativa ao aspecto que talvez mereça a minha maior reserva. Insiste a autora, mais do que uma vez, em que as decisões relativas à organização do trabalho e à crescente especialização deste (quer pela via da afectação do operário a um determinado tipo de máquina ou a uma fase do processo produtivo, quer pela via da individualização das tarefas) se fundam mais em razões de ordem económica e social do que em razões propriamente técnicas (p. 511). Há mesmo um caso em que se refere tratar-se de decisões eminentemente sociais (p. 510). É obvio que tudo isto está inter-relacionado, mas são diferentes os planos ou instâncias em que intervêm as várias componentes. É pouco comum que as empresas decidam a modernização do seu equipamento, do tipo de novas máquinas que vão adquirir, por razões de ordem social: visando reduzir a autonomia ou a qualificação dos trabalhadores, ou mesmo reduzir o seu número para evitar conflitos laborais, p. ex. A empresa procura, antes de mais, baixar os custos, tornar-se mais competitiva, aumentar a produtividade e, em última análise, os lucros. São pois, predominantemente, de ordem económica as instruções primeiras da introdução de novos e mais sofisticados equipamentos. Intervém de seguida a componente técnica: quais as máquinas que tecnicamente melhor respondem aos objectivos pretendidos, mais facilmente se enquadram no parque pré-existente, melhor se adaptam aos fabricos e às especificações impostas pelo mercado (e estas últimas vão-se tornando progressivamente mais exigentes e mais severas: o que pode por vezes acelerar decisões «técnicas» que economicamente ainda não seriam prementes). A componente social situa-se, em regra, no plano das consequências e não no do fundamento da decisão. Só para dar um exemplo, note-se como, no caso descrito, é o reequipamento, a introdução de novas técnicas, que não só «gera» todo o processo de reajustamento profissional, mas também torna imperiosa a adopção de novas formas de «organização do trabalho», e não o inverso.

O que acabamos de dizer não é mais, afinal, do que uma ilustração, à escala empresarial (micro-económica), da famosa asserção de que, no sistema capitalista, é económica a instância dominante. Num sistema socialista — não precisamos «qual» — naturalmente que a componente social já não surgiria ao nível dos efeitos, mas faria parte necessária e prioritária dos fundamentos da decisão.

Enfim, a terminar, gostaria de pensar que este texto incitará muitos a levantar o véu desse «mundo fabril», ao mesmo tempo tão complexo, tão fascinante e tão desconhecido. Posso assegurar que o considerável esforço que exigirá esta leitura será largamente compensado.

J. MARTINS PEREIRA

Livraria

LITERATURA

- Agustina Bessa Luís. OS MENINOS DE OURO. Lisboa, Guimarães Ed., 1983, 450\$00
- António Lobo Antunes. MEMÓRIA DE ELEFANTE. Lisboa, 9.ª ed., 1983, D Quixote, Col. Autores de Língua Portuguesa, 188 pp., 380\$00.
- Abel Botelho. FATAL DILEMA. Porto, 1983, Lello, 441 pp., 225\$00.
- Darcy Ribeiro. MAÍRA. Lisboa, 1983, D. Quixote, Col. Autores de Língua Portuguesa, 392 pp., 690\$00.
- José Rodrigues Miguéis. GENTE DE TERCEIRA CLASSE. Lisboa, 3.ª ed., 1983, Estampa, 281 pp., 270\$00.
- Miguel de Cervantes. D. QUIXOTE. Tradução dos Viscondes de Castilho e de Azevedo Lisboa, s.d., Europa América, col. Livros de Bolso, I e II vol., 230 + 220 pp., 200\$00 + 200\$00.
- George Orwell. DIAS DA BIRMÂNIA. Tradução de Maria da Graça Lima Gomes, Lisboa, 1983, Moraes, Col. Literatura, 330 pp.
- Eduardo Jorge Brum. VIVIANA O PRINCÍPIO DAS COISAS. Lisboa, 1983, Vega, Col. O Chão da Palavra, 156 pp., 320\$00.
- CONTOS DO DIABO. Introdução de Maria Esteia Guedes. Éça de Queiroz «O Senhor Diabo»; Júlio César Machado «Mefistóteles e Margarida»; Fialho de Almeida «Conto do Almoçre e do Diabo». Lisboa, 1983, Rolim, Col. Fantástico, 62 pp., 120\$00.
- Antero de Quental. ODES MODERNAS. Prefácio de Nuno Júdice, Lisboa, 1983, Ulmeiro, Col. Clássicos da Língua Portuguesa, 180\$00.
- Gil Vicente. FARSA DE INÉS PEREIRA. Coord., apres. e notas de Carlos Campos, Trófa, 1983, ed. David Jorge Pereira, 93 pp.
- Fernão Mendes Pinto. PEREGRINAÇÃO, I vol., ed. anotada e cotejada com a 1.ª ed. de 1614, leitura actualizada, introdução e notas de Neves Aguas, comemorativa do 4.º centenário da morte do autor. Lisboa, s.d., Europa América, Livros de Bolso, 366 pp., 290\$00.
- Afonso Lopes Vieira. ROMANCE DE AMADIS. Introdução de F. Cabral Martins, Lisboa, 1983, Ulmeiro, 157 pp., 200\$00.

EDUCAÇÃO

- Emília Ribeiro Pedro. O DISCURSO NA AULA — UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA PRÁTICA ESCOLAR EM PORTUGAL. Lisboa, s.d., Rolim, 227 pp., 580\$00.

SOCIEDADE

- Clara Pinto Correia, Rosa Simões, Lucília Carvalho, Amândoa Sousa. ...ANDA UMA MÃE A CRIAR FILHAS PARA ISTO. Lisboa, 1983, A Regra do Jogo, Col. Materiais, 159 pp., 320\$00.
- Noel Drogat S. J. OS PAÍSES DA FOME. Lisboa, s.d., Livros do Brasil, Col. Vida e Cultura, 214 pp., 220\$00.

POLÍTICA

- PAÍSES DA LINHA DA FRENTE. A informação necessária. Edição da Comissão Nacional Portuguesa da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente. Lisboa, 25 a 27 de Março 1983, Lisboa, 128 pp.,
- J. Simões da Fonseca, N. Félix da Costa e outros. AUTO-RETRATO DE UMA DEMOCRACIA ENQUANTO JOVEM. Lisboa, 1983, ed. de J. Simões da Fonseca, 500\$00.

ANTROPOLOGIA

- Lenine. O ESTADO E A REVOLUÇÃO. Lisboa, 3.ª ed., 1983, Avante, 157 pp.
- José Dias de Almeida da Fonseca. LIVRO NEGRO DO 25 DE ABRIL. Lisboa, 1983, Ed. Fernando Pereira, 147 pp., 300\$00.
- José Magalhães Godinho. FALAS E ESCRITOS POLÍTICOS. Lisboa, 1983, Moraes, Temas e Problemas, Política, 191 pp., 620\$00.
- Jean-William Lâpierre. A ANÁLISE DOS SISTEMAS POLÍTICOS. Lisboa, s.d., Rolim, 231 pp., 450\$00.
- D. Duarte Baltazar. UM MODO DE VER A DEMOCRACIA E O SOCIALISMO. Lisboa, 1983, Tempo, 221 pp., 500\$00.
- Bruno Kreisky. A DEMOCRACIA ENTRE O LESTE E O OESTE. s.l., s.d., Europress, Col. Europamundo, 194 pp., 310\$00.

ARTE

- Henry Thomas. VIDAS DE GRANDES PINTORES. Lisboa, s.d., Livros do Brasil, Col. Vidas Célebres, 361 pp., 220\$00.
- Agustina Bessa Luís. LONGOS DIAS TEM CEM ANOS — PRESENÇA DE VIEIRA DA SILVA. Lisboa, 1983, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Arte e Artistas, 116 pp., 600\$00.

HISTÓRIA

- Alexandre Herculano. OPUSCULOS II. Edição crítica. Org., introd. e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garaz. Lisboa, 1983, Presença, 324 pp., 650\$00.
- Luís Viana Filho. A VIDA DO BARÃO DO RIO BRANCO. Pref. de Francisco José da Gama Caiiro. Porto, 1983, Lello, Figuras do Passado, 484 pp., 600\$00.
- José Veiga Torres. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL DA EUROPA. Coimbra, 3.ª ed. revista, 1983, Livraria Almedina, 346 pp., 550\$00.
- José Angel Garcia de Cortazar y Ruiz de Aguirre. HISTÓRIA RURAL MEDIEVAL. Lisboa, 1983, Estampa, Col. Imprensa Universitária, 176 pp., 320\$00.
- Paul Veyne. COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA. Lisboa, 1983, Edições 70, Col. Lugar da História, 350 pp., 630\$00.
- João Ameal. HISTÓRIA DA EUROPA, vol. II, Da Idade Teocéntrica ao Tratado de Tordesilhas. Lisboa, 1983, Verbo, 465 pp., 1000\$00.
- Jan de Vries. A ECONOMIA DA EUROPA NUMA ÉPOCA DE CRISE. Tradução de Álvaro de Figueiredo. Lisboa, 1983, D. Quixote, Anais n.º 1, 338 pp., 880\$00.
- José Medeiros Ferreira. ENSAIO HISTÓRICO SOBRE A REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL. O Período Pré-Constitucional. Lisboa, 1983, Co-ed. Imprensa Nacional-C.M. — S.R.E.C. da Região Autónoma dos Açores, Temas Portugueses, 224 pp., 380\$00.

HISTÓRIA DAS IDEIAS

- António Quadros. POESIA E FILOSOFIA DO MITO SEBASTIANISTA. 2.º vol. Lisboa, 1983, Guimarães, Col. Filosofia e Ensaio, 179 pp., 260\$00.
- Fernando Catroga. O PROBLEMA POLÍTICO EM ANTERO DE QUENTAL. Um confronto com Oliveira Martins. Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981, 180 p.p.

ECONOMIA

- DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E REPARTIÇÃO DO RENDIMENTO. Organização e Pref. de Manuela Silva Lisboa, 1983, Estampa, Imprensa Universitária, 379 pp., 700\$00.
- Mário Murteira. LIÇÕES DE ECONOMIA POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO. Lisboa, 1983, Análise Social, 450\$00.
- Bernard Canavan. ECONOMIA PARA PRINCIPANTES. Lisboa, 1983, D. Quixote, Col. Para Principantes, 360\$00.

FILOSOFIA & CIÊNCIA

- D. J. Allan. A FILOSOFIA DE ARISTÓTELES. Lisboa, 1983, Presença, Biblioteca de Textos Universitários, 197 pp.
- P. Aubenque, J. Bernhardt e F. Châtelet. HISTÓRIA DA FILOSOFIA — IDEIAS, DOCTRINAS. Sob a direcção de François Châtelet. I — A FILOSOFIA PAGÁ — Do Século VI a.C. ao Séc. III d.C. Lisboa, 1983, D. Quixote, C. História da Filosofia, Ideias e Doutrinas, 224 pp., 490\$00.
- Jean Rossmorduc. DE TALES A EINSTEIN — HISTÓRIA DA FÍSICA E DA QUÍMICA. Tradução do Eng. José Carlos Fernandes. Lisboa, 1983, Caminho, Col. Universitária, 242 pp., 500\$00.
- Mário Burge. FILOSOFIA DA FÍSICA. Tradução de Rui Pacheco. Lisboa, s.d., Edições 70, Col. O Saber da Filosofia, 261 pp.

ANTOLOGIAS

- Mário Cesariny. HORTA DE LITERATURA DE CORDEL. Lisboa, 1983, Assírio e Alvim, Col. Arquivos, 256 pp., 390\$00.
- A. H. Oliveira Marques. ANTOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA. Vol. I — Das origens a Herculano. Vol. II — De Herculano aos nossos dias. Lisboa, s.d., Europa América, Col. Estudos e Documentos, 254 pp. — I Vol. 365\$00 + 330\$00.

REVISTAS

- LER HISTÓRIA. Director: Miriam Halpern Pereira. N.º 1, Janeiro-Abril de 1983. Lisboa, 1983, A Regra do Jogo, 148 pp., 210\$00.
- BOLETIM DE ESTUDOS OPERÁRIOS. Conselho Redactorial: Maria Filomena Mónica, Maria de Fátima Patriarca e José Pacheco Pereira. N.º 3, Maio de 1983, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 61 pp., 150\$00.
- ANÁLISE SOCIAL. N.ºs 72, 73, 74, Abril a Dezembro de 1982. A FORMAÇÃO DE PORTUGAL CONTEMPORÂNEO — 1900-1980. Comunicações do Colóquio Organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais, Revista do Instituto de Ciências Sociais, 450\$00.

LIVRARIA ACADÉMICA

JOAQUIM GUEDES DA SILVA & C.ª, LD.ª
(LIVREIROS ANTIQUÁRIOS)

Rua dos Mártires da Liberdade, 10 — Telef. 25988 — 4000 PORTO Codex — PORTUGAL
RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS — GRAVURAS — MAPAS
COMPRA GRANDES OU PEQUENAS LIVRARIAS, NO PORTO OU PROVÍNCIA



LIVROS REVISTAS
Diário de Notícias
LARGO DO CHIADO, 9

300 páginas em couché
600 fotos a cores
À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
DISTRIBUIÇÃO
BLUME
Rua Rodrigues Sampaio, 73
Tel. 57 39 89 1100 Lisboa

O mundo fabril

(Continuado da pág. 5)

mesmo se não pode dizer quanto aos efeitos sobre a natureza das «profissões» e «qualificações». Assistimos à decomposição de certas profissões (caldeireiro, soldador), ao desaparecimento de outras (cavador), ao surgimento de outras ainda (preparadores de trabalho), à transformação de algumas mais (p. ex. ao torneiro clássico tende a suceder um misto de operador-programador — p. 513), nuns casos verificando-se uma incontestável desqualificação, noutros, pelo contrário, uma «requalificação».

Mas mesmo quando há desqualificação, ela pode não ser «pessoal»: os novos postos de operador de máquinas resultantes do desmembramento da profissão de caldeireiro tornam-se refúgio para os menos qualificados, permitindo que «o acesso a essa especialização seja por estes sentido como uma forma de valorização e promoção» (p. 482). Isto é, não é, em regra, o velho profissional caldeireiro que se vê pessoalmente «despromovido» para uma actividade menos qualificada — ele vai tornar-se caldeireiro-montador, enquanto a nova actividade de caldeireiro-operador de máquinas irá ser um «ponto de chegada» (cito) para novos operários menos qualificados.

Mas nada disto significa que os processos de evolução tecnológica tenham sido (ou possam ser) de algum modo «lineares», e que a eles os operários genericamente tenham aderido (ou possam aderir) sem obstáculos. É que à sua introdução corresponde um esforço continuado (ainda que com altos e baixos) de racionalização e organização do trabalho. Partidários, globalmente, do progresso técnico, eles são naturalmente muito mais resistentes às consequências que dele possam decorrer em termos de perda de autonomia e de ameaça ao seu saber/poder.

Disto nos são dados também numerosos — e luminosos — exemplos, em que os suspeitamos de dramas, conflitos, lutas sem conta. O caso citado de resistência à introdução das fichas de preparação do trabalho é paradigmática: *Seguindo rigorosa e escrupulosamente as indicações das fichas do trabalho, é com o mesmo rigor e escrupulo que recusam tomar qualquer iniciativa perante anomalias que a ficha não prevê. Se ao fazer uma maquinagem, a peça vibra ou a velocidade introduzida na máquina não serve, o operário pára, chama o chefe de grupo, informa-o do problema surgido e pede instruções. As consequências são evidentes: inevitável baixa de rendimento, perturbações graves na marcha da produção, para já não falar da «electricidade» que paira no ambiente das oficinas».* (P. 501). Trata-se, obviamente, de uma verdadeira afirmação de «poder» perante os «homens de gabinete», que se julgam capazes de prescindir do «saber de experiência feito»... E, ainda assim, é irresistível a atracção que os gabinetes exercem sobre os operários, para quem o ideal é passar para o edifício, passar da ferrugem para a preparação (p. 485). Ambiguidade que parecerá estranha e até contraditória com o «gosto da profissão», se não tivéssemos presente que o objecto do estudo são justamente homens — e não ratos ou moléculas.

O económico e o social

Não é possível aqui dar conta da riqueza deste trabalho, até mesmo nas suas informações de algum

modo marginais, como sejam, por exemplo, ficarmos a saber da existência, não há muitos anos, de profissões industriais «itinerantes» (os cravadores), ou assistirmos a uma breve descrição quase literária dos rituais de iniciação dos aprendizes (iniciação profissional e social, como bem é salientado).

Mas para que não se julgue que consideramos o estudo de F. Patriarca isento de qualquer crítica, aí vai uma, relativa ao aspecto que talvez mereça a minha maior reserva. Insiste a autora, mais do que uma vez, em que as decisões relativas à organização do trabalho e à crescente especialização deste (quer pela via da afectação do operário a um determinado tipo de máquina ou a uma fase do processo produtivo, quer pela via da individualização das tarefas) se fundam mais em razões de ordem económica e social do que em razões propriamente técnicas (p. 511). Há mesmo um caso em que se refere tratar-se de decisões eminentemente sociais (p. 510). É obvio que tudo isto está inter-relacionado, mas são diferentes os planos ou instâncias em que intervêm as várias componentes. É pouco comum que as empresas decidam a modernização do seu equipamento, do tipo de novas máquinas que vão adquirir, por razões de ordem social: visando reduzir a autonomia ou a qualificação dos trabalhadores, ou mesmo reduzir o seu número para evitar conflitos laborais, p. ex. A empresa procura, antes de mais, baixar os custos, tornar-se mais competitiva, aumentar a produtividade e, em última análise, os lucros. São pois, predominantemente, de ordem económica as instruções primeiras da introdução de novos e mais sofisticados equipamentos. Intervém de seguida a componente técnica: quais as máquinas que tecnicamente melhor respondem aos objectivos pretendidos, mais facilmente se enquadram no parque pré-existente, melhor se adaptam aos fabricos e às especificações impostas pelo mercado (e estas últimas vão-se tornando progressivamente mais exigentes e mais severas: o que pode por vezes acelerar decisões «técnicas» que economicamente ainda não seriam prementes). A componente social situa-se, em regra, no plano das consequências e não no do fundamento da decisão. Só para dar um exemplo, note-se como, no caso descrito, é o reequipamento, a introdução de novas técnicas, que não só «gera» todo o processo de reajustamento profissional, mas também torna imperiosa a adopção de novas formas de «organização do trabalho», e não o inverso.

O que acabamos de dizer não é mais, afinal, do que uma ilustração, à escala empresarial (micro-económica), da famosa asserção de que, no sistema capitalista, é económica a instância dominante. Num sistema socialista — não precisamos «qual» — naturalmente que a componente social já não surgiria ao nível dos efeitos, mas faria parte necessária e prioritária dos fundamentos da decisão.

Enfim, a terminar, gostaria de pensar que este texto incitará muitos a levantar o véu desse «mundo fabril», ao mesmo tempo tão complexo, tão fascinante e tão desconhecido. Posso assegurar que o considerável esforço que exigirá esta leitura será largamente compensado.

J. MARTINS PEREIRA

Livraria

LITERATURA

- Agustina Bessa Luís. OS MENINOS DE OURO. Lisboa, Guimarães Ed., 1983, 450\$00
- António Lobo Antunes. MEMÓRIA DE ELEFANTE. Lisboa, 9.ª ed., 1983, D Quixote, Col. Autores de Língua Portuguesa, 188 pp., 380\$00
- Abel Botelho. FATAL DILEMA. Porto, 1983, Lello, 441 pp., 225\$00
- Darcy Ribeiro. MAIRA. Lisboa, 1983, D. Quixote, Col. Autores de Língua Portuguesa, 392 pp., 690\$00
- José Rodrigues Miguéis. GENTE DE TERCEIRA CLASSE. Lisboa, 3.ª ed., 1983, Estampa, 281 pp., 270\$00
- Miguel de Cervantes. D. QUIXOTE. Tradução dos Viscondes de Castilho e de Azevedo Lisboa, s.d., Europa América, col. Livros de Bolso, I e II vol., 230 + 220 pp., 200\$00 + 200\$00
- George Orwell. DIAS DA BIRMÂNIA. Tradução de Maria da Graça Lima Gomes, Lisboa, 1983, Moraes, Col. Literatura, 330 pp.
- Eduardo Jorge Brum. VIVIANA O PRINCÍPIO DAS COISAS. Lisboa, 1983, Vega, Col. O Chão da Palavra, 156 pp., 320\$00

- CONTOS DO DIABO. Introdução de Maria Esteia Guedes. Eça de Queiroz «O Senhor Diabo»; Júlio César Machado «Mefistóteles e Margarida»; Fialho de Almeida «Conto do Almocreve e do Diabo». Lisboa, 1983, Rolim, Col. Fantástico, 62 pp., 120\$00

- Antero de Quental. ODES MODERNAS. Prefácio de Nuno Júdice. Lisboa, 1983, Ulmeiro, Col. Classics da Língua Portuguesa, 180\$00

- Gil Vicente. FARSA DE INÉS PEREIRA. Coord., apes. e notas de Carlos Camosa. Trola, 1983, ed. David Jorge Pereira, 93 pp.

- Fernão Mendes Pinto. PEREGRINAÇÃO. I vol., ed. anotada e cotejada com a 1.ª ed. de 1614, leitura actualizada, introdução e notas de Neves Águas, comemorativa do 4.º centenario da morte do autor. Lisboa, s.d., Europa América, Livros de Bolso, 366 pp., 290\$00

- Afonso Lopes Vieira. ROMANCE DE AMADIS. Introdução de F. Cabral Martins. Lisboa, 1983, Ulmeiro, 157 pp., 200\$00

EDUCAÇÃO

- Emília Ribeiro Pedro. O DISCURSO NA AULA — UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA PRÁTICA ESCOLAR EM PORTUGAL. Lisboa, s.d., Rolim, 227 pp., 580\$00

SOCIEDADE

- Clara Pinto Correia, Rosa Simões, Lucília Carvalho, Amêndoa Sousa. ...ANDA UMA MÃE A CRIAR FILHAS PARA ISTO. Lisboa, 1983, A Regra do Jogo, Col. Materiais, 159 pp., 320\$00

- Noel Drogat S. J. OS PAÍSES DA FOME. Lisboa, s.d., Livros do Brasil, Col. Vida e Cultura, 214 pp., 220\$00

POLÍTICA

- PAÍSES DA LINHA DA FRENTE. A informação necessária. Edição da Comissão Nacional Portuguesa da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente. Lisboa, 25 a 27 de Março 1983, Lisboa, 128 pp.

- J. Simões da Fonseca, N. Félix da Costa e outros. AUTO-RETRATO DE UMA DEMOCRACIA ENQUANTO JOVEM. Lisboa, 1983, ed. de J. Simões da Fonseca, 500\$00

- Lenine. O ESTADO E A REVOLUÇÃO. Lisboa, 3.ª ed., 1983, Avante, 157 pp.

- José Dias de Almeida da Fonseca. LIVRO NEGRO DO 25 DE ABRIL. Lisboa, 1983, Ed. Fernando Pereira, 147 pp., 300\$00

- José Magalhães Godinho. FALAS E ESCRITOS POLÍTICOS. Lisboa, 1983, Moraes, Temas e Problemas, Política, 191 pp., 620\$00

- Jean-William Lâpierre. A ANÁLISE DOS SISTEMAS POLÍTICOS. Lisboa, s.d., Rolim, 231 pp., 450\$00

- D. Duarte Baltazar. UM MODO DE VER A DEMOCRACIA E O SOCIALISMO. Lisboa, 1983, Tempo, 221 pp., 500\$00

- Bruno Kreisky. A DEMOCRACIA ENTRE O LESTE E O OESTE. s.l., s.d., Europress, Col. Europamundo, 194 pp., 310\$00

ARTE

- Henry Thomas. VIDAS DE GRANDES PINTORES. Lisboa, s.d., Livros do Brasil, Col. Vidas Célebres, 361 pp., 220\$00

- Agustina Bessa Luís. LONGOS DIAS TEM CEM ANOS — PRESENÇA DE VIEIRA DA SILVA. Lisboa, 1983, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Arte e Artistas, 116 pp., 600\$00

HISTÓRIA

- Alexandre Herculano. OPÚSCULOS II. Edição crítica. Org., introd. e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garaz. Lisboa, 1983, Presença, 324 pp., 650\$00

- Luís Viana Filho. A VIDA DO BARÃO DO RIO BRANCO. Pref. de Francisco José da Gama Caiiro. Porto, 1983, Lello, Figuras do Passado, 484 pp., 600\$00

- José Veiga Torres. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL DA EUROPA. Coimbra, 3.ª ed. revista, 1983, Livraria Almedina, 346 pp., 550\$00

- José Angel Garcia de Cortazar y Ruiz de Aguirre. HISTÓRIA RURAL MEDIEVAL. Lisboa, 1983, Estampa, Col. Imprensa Universitária, 176 pp., 320\$00

- Paul Veyne. COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA. Lisboa, 1983, Edições 70, Col. Lugar da História, 350 pp., 630\$00

- João Ameal. HISTÓRIA DA EUROPA, vol. II, Da Idade Teocêntrica ao Tratado de Tordesilhas. Lisboa, 1983, Verbo, 465 pp., 1000\$00

- Jan de Vries. A ECONOMIA DA EUROPA NUMA ÉPOCA DE CRISE. Tradução de Álvaro de Figueiredo. Lisboa, 1983, D. Quixote, Anais n.º 1, 338 pp., 880\$00

- José Medeiros Ferreira. ENSAIO HISTÓRICO SOBRE A REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL. O Período Pré-Constitucional. Lisboa, 1983, Co-ed. Imprensa Nacional-C.M. — S.R.E.C. da Região Autónoma dos Açores, Temas Portugueses, 224 pp., 380\$00

HISTÓRIA DAS IDEIAS

- António Quadros. POESIA E FILOSOFIA DO MITO SEBASTIANISTA, 2.ª vol. Lisboa, 1983, Guimarães, Col. Filosofia e Ensaio, 179 pp., 260\$00

- Fernando Catroga. O PROBLEMA POLÍTICO EM ANTERO DE QUENTAL. Um confronto com Oliveira Martins. Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981, 180 p.p.

ANTROPOLOGIA

- António Bracinha Vieira. ETOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS. Lisboa, 1983, Imprensa Nacional-C.M., Estudos Gerais, Série Universitária, 543 pp., 850\$00

- O PAPANAGUI, Discursos de Tuiavii, Chefe de Tribo de Tiavela nos mares do Sul recolhidos por Erich Scheurmann. Tradução de Luísa Neto Jorge. Lisboa, 2.ª ed., 1983, Antígona, 138 pp., 320\$00

- Gilbert Durand. MITO E SOCIEDADE — A MITANÁLISE E A SOCIOLOGIA DAS PROFUNDEZAS. Lisboa, 1983, A Regra do Jogo, Col. Ensaio, 63 pp., 180\$00

ECONOMIA

- DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E REPARTIÇÃO DO RENDIMENTO. Organização e Pref. de Manuela Silva Lisboa, 1983, Estampa, Imprensa Universitária, 379 pp., 700\$00

- Mário Murteira. LIÇÕES DE ECONOMIA POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO. Lisboa, 1983, Análise Social, 450\$00

- Bernard Canavan. ECONOMIA PARA PRINCIPANTES. Lisboa, 1983, D. Quixote, Col. Para Principantes, 360\$00

FILOSOFIA & CIÊNCIA

- D. J. Allan. A FILOSOFIA DE ARISTÓTELES. Lisboa, 1983, Presença, Biblioteca de Textos Universitários, 197 pp.

- P. Aubenque, J. Bernhardt e F. Châtelet. HISTÓRIA DA FILOSOFIA — IDEIAS, DOUTRINAS. Sob a direcção de François Châtelet. I — A FILOSOFIA PAGÁ — Do Século VI a.C. ao Séc. III d.C. Lisboa, 1983, D. Quixote, C. História da Filosofia, Ideias e Doutrinas, 224 pp., 490\$00

- Jean Rossmorduc. DE TALES A EINSTEIN — HISTÓRIA DA FÍSICA E DA QUÍMICA. Tradução do Eng. José Carlos Fernandes. Lisboa, 1983, Caminho, Col. Universitária, 242 pp., 500\$00

- Mário Burge. FILOSOFIA DA FÍSICA. Tradução de Rui Pacheco. Lisboa, s.d., Edições 70, Col. O Saber da Filosofia, 261 pp.

ANTOLOGIAS

- Mário Cesariny. HORTA DE LITERATURA DE CORDEL. Lisboa, 1983, Assírio e Alvim, Col. Arquivos, 256 pp., 390\$00

- A. H. Oliveira Marques. ANTOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA. Vol. I — Das origens a Herculano. Vol. II — De Herculano aos nossos dias. Lisboa, s.d., Europa América, Col. Estudos e Documentos, 254 pp. — I Vol. 365\$00 + 330\$00

REVISTAS

- LER HISTÓRIA. Director: Miriam Halpern Pereira. N.º 1, Janeiro-Abril de 1983. Lisboa, 1983, A Regra do Jogo, 148 pp., 210\$00

- BOLETIM DE ESTUDOS OPERÁRIOS. Conselho Redactorial: Maria Filomena Mónica, Maria de Fátima Patriarca e José Pacheco Pereira. N.º 3, Maio de 1983, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 61 pp., 150\$00

- ANÁLISE SOCIAL. N.ºs 72, 73, 74, Abril a Dezembro de 1982. A FORMAÇÃO DE PORTUGAL CONTEMPORÂNEO — 1900-1980. Comunicações ao Colóquio Organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais, Revista do Instituto de Ciências Sociais, 450\$00

LIVRARIA ACADÉMICA

JOAQUIM GUEDES DA SILVA & C.ª, LD.ª
(LIVREIROS ANTIQUÁRIOS)

Rua dos Mártires da Liberdade, 10 — Telef. 25888 — 4000 PORTO Codex — PORTUGAL
RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS — GRAVURAS — MAPAS
COMPRA GRANDES OU PEQUENAS LIVRARIAS, NO PORTO OU PROVÍNCIA

LIVROS
REVISTAS
Diário de Notícias
LARGO DO CHIADO, 9

300 páginas em couché
600 fotos a cores
À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
DISTRIBUIÇÃO
BLUME
Rua Rodrigues Sampaio, 73
Tel. 57 39 89 1100 Lisboa